



A queda livre acabou

Os maiores bancos centrais do mundo admitem que a economia internacional escapou de uma depressão global e que a queda livre acabou. Já existe a possibilidade de que algumas das medidas para ajudar bancos comecem a ser retiradas. Mas o trabalho de governos e de bancos para reformar o sistema está longe do fim e os riscos ainda ameaçam a recuperação. Sem uma reforma, o mundo não voltaria a registrar uma taxa de crescimento sustentável e a economia patinará por meses. O que seria hoje estabilidade correria o risco de se tornar uma estagnação nos próximos meses.

As economias emergentes crescerão a um ritmo mais acelerado que os países ricos nos próximos anos. Pela primeira vez desde a eclosão da pior crise em 70 anos, há a possibilidade de que medidas usadas no sistema financeiro comecem a ser retiradas de forma gradual e ordenada para que a estabilidade de preços seja garantida.

O recado não é para que haja um fim imediato da ajuda e nem que os pacotes de relançamento das economias sejam eliminados.

Não está ainda na hora de ver o fim desses programas: parte da recuperação apenas estava ocorrendo graças ao apoio estatal e juros baixos. Mas o setor financeiro não pode ser mais dependente de ajuda. Para os governos que embarcaram em medidas não convencionais, é preciso pensar em uma gradual retirada de instrumentos excepcionais.

Obviamente, isso vai ter de acontecer no momento certo, dependendo da circunstância de cada economia e dos desafios de cada país.

As estimativas apontam que o mundo gastou US\$ 10 trilhões em injeções de capital aos bancos, pacotes de resgate para economias e créditos. Só os bancos teriam recebido uma ajuda total de US\$ 500 bilhões.

Apesar das notícias positivas, os riscos ainda existem, as instituições financeiras precisam ser reformadas e não há qualquer espaço para complacência.